

TEOLOGIA DAS E COM CRIANÇAS: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE ELEMENTOS DA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA DE GADAMER

Edson Ponick*

Resumo

O presente artigo reflete sobre as possibilidades de teologizar com crianças na perspectiva da conversação e da linguagem, conceitos extraídos da hermenêutica filosófica de Gadamer. O texto reflete inicialmente sobre a forma como Gadamer concebe a linguagem, destacando o caráter de abertura para o diálogo entre iguais, característica essencial para a compreensão. A partir dessas colocações, apresenta as reflexões suscitadas na conversa entre um adulto e grupos de três a quatro crianças sobre a Parábola dos Trabalhadores na Vinha (Mateus 20.1-15). Concluindo, aponta para as aprendizagens mútuas possíveis nessas conversas, destacando a necessidade de maior abertura por parte das pessoas adultas para que possa haver uma verdadeira fusão de horizontes.

Palavras-chave: Teologia. Crianças. Hermenêutica filosófica. Conversação.

Abstract

This article thinks over the possibilities of theologize with children in a perspective of conversation and language, concepts extracted of the philosophical hermeneutics of Gadamer. The text reflects initially about the way Gadamer conceives the language, pointing out the openness character of a dialogue between equals, an essential feature for comprehension. Based on these placements, presents reflections raised on a conversation between an adult e groups of three or four children about the Parable of the Workers in the Vineyard (Matthew 20.1-15). Concluding, points to the mutual learning which are possible in such conversations, highlighting a necessity of more openness by the adults so that it may have a truly fusion of horizons.

Keywords: Theology. Children. Philosophical Hermeneutics. Conversation.

Considerações iniciais

Este artigo apresenta algumas reflexões realizadas com um grupo de crianças de uma escola de ensino fundamental na cidade de Pelotas. O referencial teórico é a

* Edson Ponick. Doutor em Teologia pela Faculdades EST. E-mail: edsonponick@gmail.com. Texto baseado em capítulo da tese intitulada *Teologia das e com crianças: características, possibilidades e desafios*. Orientadora: Profª Drª Gisela Streck. (2014).

Hermenêutica Filosófica de Gadamer, mais especificamente sua abordagem sobre a linguagem e a conversação. O texto é um extrato da tese de doutorado. O objetivo geral da tese foi o de analisar o conteúdo e a forma da reflexão teológica de crianças a partir da leitura de algumas parábolas de Jesus; e entre os objetivos específicos estava o de organizar situações de discussão e produção de reflexões teológicas com crianças. Tanto a pesquisa quanto a elaboração da tese estão baseadas na concepção de abertura da teologia para a participação de novos sujeitos, conforme lembra Von Sinner:

A reflexão teológica, sendo exercida por seres humanos, é ela também humana. Enxerga-se hoje melhor quem é este ser humano, com rosto feminino, indígena, negro, gay, e outras identidades que influem, com direito, na interpretação da fé, no intuito de fortalecer e dar poder aos sujeitos crentes com essas suas identidades.¹

Entendo que Von Sinner esteja falando aqui de pessoas adultas. Faltaria então, ainda, o rosto das crianças. Estariam elas incluídas nas *outras identidades*? Estamos dispostos, como atuais detentores do poder de decidir, a deixar que as crianças *influenciem, com direito, na interpretação da fé*? O que muitas pessoas em outros países estão experimentando é justamente incluir as crianças nessas *outras identidades* que hoje são reconhecidas como legítimos sujeitos que creem e que, portanto, refletem teologicamente.²

Gadamer e a teologia com crianças

*Não há nenhum princípio superior ao de abrir-se ao diálogo.*³

O princípio superior de abertura ao diálogo, destacado acima, perpassa duas das principais obras de Gadamer: *Verdade e método I e II*. O diálogo, a conversação, essa capacidade única do ser humano de estabelecer relações com seus semelhantes, criar e dizer o mundo ao seu redor através da linguagem formam o cerne da hermenêutica filosófica elaborada por Gadamer. A abertura sincera e honesta ao outro, com todas as consequências dessa postura, é a base para uma compreensão dinâmica, nunca totalizante nem engessada, de qualquer texto, fala, obra de arte, etc.

¹ SINNER, Rudolf von. Hermenêutica em perspectiva teológica. In: *Teologia e Ciências da religião: a caminho da maioria acadêmica no Brasil*. CRUZ, Eduardo R. da; MORI, Geraldo de. (orgs). São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2011. p. 128.

² Há muitas pesquisas e experiências com teologia das e com crianças em outros países, como Colômbia, Alemanha, Noruega, Inglaterra.

³ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método II: Complementos e índice*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 576.

A linguagem em si e relacionada com a conversação forma o fio condutor dos dois volumes de *Verdade e Método*. A compreensão só é possível através da linguagem e quando esta é colocada em prática entre duas ou mais pessoas. E a conversação através da linguagem gera também a transformação das pessoas nela envolvidas. Porque “estar-em-conversação significa estar-além-de-si-mesmo, pensar com o outro e voltar sobre si mesmo como outro.”⁴ Na conversa com o outro, saímos como Outro.

A conversação tem características de um jogo. Estratégias são preparadas por todas as partes envolvidas no diálogo. Pensa-se como e quando dizer a palavra que melhor expressa a possibilidade de seguir jogando, conversando. Há que se ouvir a palavra do outro, processá-la, para, logo em seguida, rebatê-la. Gadamer chega a afirmar que “a linguagem só se dá, se forma, se amplia e atua no diálogo”.⁵ Segundo ele,

a palavra e o diálogo tem em si um momento de jogo. O modo como se ousa dizer uma palavra ou bem ‘guardá-la consigo’, o modo de arrancar do outro uma palavra e dele obter uma resposta, o modo como respondemos e como cada palavra ‘comporta um espaço de jogo’ no contexto determinado em que é dita e compreendida, tudo isso aponta para uma estrutura comum entre o compreender e o jogar. A criança começa a conhecer o mundo através de jogos de linguagem. Sim, tudo que aprendemos, realiza-se em jogos de linguagem.⁶

Os jogos de linguagem acompanham crianças de todas as idades. Se esses jogos já acontecem na tenra idade, como sugere Gadamer, eles se intensificam a medida que o vocabulário das crianças fica mais rico e desenvolvido. Durante a pesquisa, lembro de um momento especial em que experimentei um jogo de palavras criado espontaneamente pelos alunos. Estávamos estudando uma parábola. Eu estava apresentando para a turma as perguntas elaboradas pelas próprias crianças. Uma das perguntas feitas foi: O que é uma pessoa pecadora? “A primeira reação foi um jogo de palavras entre pecadora e pegadora.”⁷ Não tive presença de espírito para entrar no jogo, infelizmente, pois perdi a chance de estabelecer uma relação entre as duas palavras e fazer uma reflexão mais aprofundada sobre ambas. Faço essa constatação também baseado em Gadamer, para quem “o jogo de palavras rompe [...] a unidade do discurso e exige ser compreendido numa relação de sentido reflexiva e superior.”⁸ De fato, a palavra *pegadora* rompeu a unidade do discurso em

⁴ GADAMER, 2002, p. 428.

⁵ GADAMER, 2002, p. 507.

⁶ GADAMER, 2002, p. 156.

⁷ PONICK, Edson. Diário de campo da pesquisa realizada em 2012, p. 15.

⁸ GADAMER, 2002, p. 410.

torno da questão do pecado e, naturalmente, provocou risos e outras brincadeiras, particularmente entre os meninos. Caberia, no entanto, uma reflexão com as crianças: O que é uma pessoa pegadora? Uma pessoa *pegadora* é uma pessoa pecadora?

Esse episódio pode nos auxiliar a pensar até que ponto estamos preparados para reagir aos jogos de linguagem ou jogos de palavras propostos pelas crianças no contexto da educação cristã. As reações podem ser as mais variadas: ignorar e seguir adiante; repreender, dizendo que não é hora de brincadeira; parar e provocar perguntando algo a respeito; responder com outro jogo de palavras, provocando uma nova reação. Entendo que as últimas duas opções condizem mais com a proposta hermenêutica de Gadamer, que defende a conversação como o momento de uma pessoa entrar na maneira de pensar da outra pessoa até que aconteça a verdadeira compreensão. Esse processo gera, inclusive, uma relação de confiança, indispensável para que aconteça o diálogo. “Na conversação entramos constantemente no mundo das ideias do outro, nos confiamos ao outro e ele se confia a nós. Assim, alternamos mutuamente o jogo até que tenha início o verdadeiro diálogo, o jogo de dar e receber.”⁹ Essa relação de confiança responsável pelo jogo de dar e receber parece ser o grande desafio para as pessoas adultas na conversa com as crianças.

A confiança gerada na troca de ideias pode levar ao sentimento de pertença a um grupo de convivência ou a uma comunidade. É o que se experimenta também nas associações de diferentes tipos que existem na sociedade. Gadamer defende as associações cidadãs porque entende que “nelas se exercita a convivência humana”. E a convivência é a “palavra-chave com a qual a natureza nos tem elevado acima do mundo animal, justamente por meio da linguagem como capacidade de comunicação”.¹⁰ Durante a preparação das encenações sobre outra parábola, registrei o seguinte acontecimento:

Dois grupos precisavam decidir quem começaria. Fui conversar com o grupo só de meninos se eles gostariam de começar. O outro grupo já estava próximo para ver o que aconteceria. Depois de uma conversa entre eles, decidiram que o grupo dos meninos começaria.¹¹

⁹ GADAMER, 2002, p. 157.

¹⁰ En ellas se ejercita la convivencia humana. Esta convivencia es, en efecto, la palabra clave con la cual la naturaleza nos ha elevado por encima del mundo animal, justamente por medio del lenguaje como capacidad de comunicación, y este es el punto al que quiero llegar. GADAMER, H. G.. La educación es educarse. *Revista de Santander*. Edición n. 6. 2011. p. 98. Disponível em <http://www.uis.edu.co/webUIS/es/mediosComunicacion/revistaSantander/revista6/nuevasCorrientesIntelectuales.pdf>. Acesso em 20/05/2013.

¹¹ Diário de campo, 2012, p. 24.

A situação descrita acima expressa o que Gadamer quer dizer com “exercitar a convivência humana”. A escola, assim como o espaço da comunidade eclesial, é um lugar por excelência para deixar fluir o exercício da convivência. O importante é deixar espaço nos processos de ensino-aprendizagem para que tais diálogos aconteçam.

No que se refere à teologia com crianças, poderíamos falar aqui do fortalecimento da convivência em torno de questões de fé, incluindo as crianças nessa convivência. Isso exige outra postura por parte das pessoas adultas. Suspeito que, enquanto pessoas adultas, muitas vezes nos colocamos sobre um pedestal de conhecimento teológico e não conseguimos descer dele para expor nossas dúvidas, nossas perguntas na companhia das crianças, conversando com elas sobre tais questões. Parece que a responsabilidade de *transmitir* os conteúdos da fé para as novas gerações nos fez assumir uma postura desigual em relação às crianças, desigualdade que está presente também no âmbito escolar. E tal postura, como afirma Gadamer, impossibilita qualquer consenso. Nas suas palavras,

o modelo fundamental de todo consenso é o diálogo, a conversa. Sabe-se que uma conversa não é possível, se uma das partes crê absolutamente estar numa posição superior em relação à outra, algo como se afirmasse possuir um conhecimento prévio dos preconceitos a que o outro se atém. [...] Em princípio, um consenso dialogal torna-se impossível quando um dos interlocutores do diálogo não se libera realmente para a conversa.¹²

A fala, essa maravilhosa ferramenta que pessoas humanas adquirem desde muito cedo ainda, nos dá o poder de expressar ou expor para nossos semelhantes tudo o que formulamos internamente. “Poder falar significa: poder tornar visível, pela sua fala, algo ausente, de tal modo que também um outro possa vê-lo. O homem pode comunicar tudo o que pensa.”¹³ A fala não é uma exclusividade de pessoas adultas; crianças também já sabem tornar compreensível através da fala o que elas pensam e sentem. Nesse sentido, estão dadas as condições para que reflitam conosco sobre questões teológicas também. O que nos separa é o desejo, ausente mais entre as pessoas adultas do que entre as crianças, de iniciar uma conversa sincera sobre as diferentes questões que fazem parte do nosso ser gente, independente da idade que temos.

Humberto Maturana também trata da questão do conversar como constitutivo do ser humano em relação consigo mesmo e com os outros seres humanos. Ele define o

¹² GADAMER, 2002, p. 141.

¹³ GADAMER, 2002, p. 173

conversar a partir da etimologia da palavra. “A palavra *conversar* vem da união de duas raízes: *cum*, que quer dizer ‘com’, e *versare* que quer dizer ‘dar voltas com’ o outro.”¹⁴ O biólogo chileno diferencia o conversar da reflexão, sendo esta capaz de transformar nosso modo de ser e de agir no mundo. Para ele, “como seres humanos somos o que somos no conversar, mas na reflexão podemos mudar nosso conversar e nosso ser. Essa é nossa liberdade, e nossa liberdade pertence ao nosso ser psíquico e espiritual.”¹⁵ Temos a liberdade, como pessoas adultas, de conversar com as crianças, ir além da preocupação com a *transmissão* de conhecimentos e saberes, entrar na conversação com a mesma liberdade e abertura como elas entram em conversa conosco.

Voltando às reflexões de Gadamer, ele critica a modernidade que parece identificar conversa com controvérsia ou então com a simples junção de opiniões. “A verdadeira realidade da comunicação humana é o fato de o diálogo não ser nem a contraposição de um contra a opinião do outro e nem o aditamento ou soma de uma opinião à outra. O diálogo transforma a ambos.”¹⁶ Experimentei essa transformação de maneira mais intensa durante minha pesquisa quando conversei com grupos de três crianças sobre uma parábola, conforme demonstro a seguir. Aquelas conversas me fizeram olhar para a parábola com outras perspectivas. De fato, o resultado das conversas não foi nem a soma das nossas opiniões nem a derrota ou a vitória de uma ou outra.

Se o falar, o conversar envolve duas ou mais pessoas, podendo transformar a ambas, a metodologia que, segundo Gadamer, sustenta esse falar coletivo é a da pergunta e da resposta. Jean Grondin descreve esse pressuposto de Gadamer da seguinte forma:

Contra o primado da lógica locucional, que entende a compreensão como poder de disposição, e falha nisso, desenvolve Gadamer a sua lógica hermenêutica da pergunta e da resposta, a qual entende compreensão como participação, como participação num significado, numa tradição, enfim numa conversação. Nesse diálogo não existe ‘nenhum’ enunciado afirmativo, porém perguntas e respostas, as quais, por sua vez, despertam novas interrogações.¹⁷

Penso que esse pressuposto – não deixa de ser uma metodologia – de Gadamer sobre a compreensão a partir de perguntas e de respostas, que geram novas perguntas,

¹⁴ MATURANA, Humberto. (MAGRO, C.; GRACIANO, M; VAZ, N. Orgs.) *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: UFMG, 1999. p. 167.

¹⁵ MATURANA, 1999, p. 121.

¹⁶ GADAMER, 2002, p. 221.

¹⁷ GRONDIN, Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica*: Trad. Benno Dischinger. São Leopoldo: UNISINOS, 2009. p. 198.

sempre conscientes de nossa situação histórico-efeitual – que ele chamou de conversação – é fundamental na construção de uma teologia com crianças. Uma tal conversação significa que as pessoas nela envolvidas estão abertas a compreender na interação umas com as outras. Arrisco dizer que as crianças, de um modo geral, sempre vêm abertas a aprender num diálogo, porque sentem que têm muito a aprender – e de fato aprendem – na interação com as pessoas adultas. O contrário é que parece mais difícil: que as pessoas adultas admitam que possam aprender numa conversação com crianças. Daria para dizer que os adultos falam mais a partir de enunciados – fechados e acabados, afirmativos – e menos a partir de perguntas e questionamentos, típico do modo de ser das crianças. Receber o reino de Deus como uma criança, como nos exorta Jesus em Marcos 10.14, pode estar relacionado também com esse desejo de perguntar mais que responder, de assumir a postura de quem pode aprender sempre.

Essa concepção de conversa é essencial para se pensar uma teologia da criança no sentido de que ela possa participar ativamente da reflexão teológica na comunidade. Levar essa concepção às últimas consequências significa ultrapassar o preconceito sobre a incapacidade da criança de refletir sobre questões de fé e colocá-la lado a lado com as pessoas de outras faixas etárias.

Ainda sobre o aspecto da forma enrijecida como se pode entrar num diálogo, Gadamer afirma que, em cada diálogo, “vige um espírito, bom ou mau, espírito de enrijecimento e paralização ou um espírito de comunicação e intercâmbio fluente entre eu e tu.”¹⁸ Há que se perguntar com que espírito nós nos dirigimos às crianças quando vamos conversar com elas. Quiçá seja um exercício importante ir com um espírito de comunicação e intercâmbio fluente entre eu, como pessoa adulta, e ela, criança aberta e pronta para dialogar. Benito di Paula, numa de suas canções, diz: “E eu, criança presa em brinquedos de trapaça, quase sem histórias pra contar. Você criança tão liberta, me tire dessa peça e assim ter histórias pra contar.”¹⁹ Quem nos tornamos quando *adultecemos*: crianças presas em brinquedos de trapaça, que quase não têm mais histórias para contar? Ser uma pessoa liberta, segundo o poeta e segundo Gadamer, nos possibilita ter histórias para contar. E o que é contar histórias senão a arte de conversar; de falar e de ouvir; de abrir-se para o outro

¹⁸ GADAMER, 2002, p. 179-180.

¹⁹ PAULA, Benito di; BRANDÃO, Márcio. Amigo do sol amigo da lua. Intérprete: Benito di Paula. In: Benito di Paula Perfil. Direção artística: Aramis Barros. Rio de Janeiro: Som Livre. 1 disco sonoro. Faixa 9 (3 min 43 s).

através do ouvir, mas também através do falar? Tratando desta mesma temática, Gadamer compara a arte de dialogar com um jogo, no qual os jogadores entram a fundo. E nisso tudo, “o determinante é a lei da coisa que está em questão (*Sache*) no diálogo, que prova a fala e a réplica e acaba conjugando a ambas. Assim, quando se dá o diálogo, sentimo-nos plenos.”²⁰ Por vezes, talvez estejamos desperdiçando a oportunidade de nos sentir mais plenos no diálogo sobre Deus com as crianças.

Estamos ainda refletindo sobre a questão da pergunta e da resposta como parte da conversação. Em *Verdade e Método I*, tratando da questão do preconceito, Gadamer faz menção ao ato de perguntar, afirmando que “a essência da *pergunta* é abrir e manter abertas possibilidades.”²¹ Suspender o preconceito significa abrir-se ao ato de perguntar. Lembro do meu enteado Henrique na fase dos por quê. Penso que dois elementos o instigavam a perguntar: primeiro, ele obtinha respostas objetivas e honestas às perguntas que fazia, o que significava também, às vezes, ouvir um *não sei*. O segundo fator é que ele estava sempre aberto a novas informações, novas aprendizagens.

Voltando à temática das histórias que temos para contar, cabe destacar que Gadamer trata dessa temática nesse mesmo capítulo. “A linguagem se torna acessível pelo ouvir e isso ocorre na tradição oral, quando o ouvinte pode escutar os mitos, as lendas, as narrativas.”²² Considerando que a fé cristã é essencialmente oral, conforme lemos em Romanos 10.17²³, essa temática é ainda mais importante quando se trata de uma teologia com crianças. As narrativas bíblicas, por exemplo, devem fazer parte desse fazer teológico. É a partir delas, aliás, que vamos *teologizar* com as crianças.

Vale citar também a passagem bíblica do contexto da revelação das leis e dos mandamentos. Depois de prescrever todos os mandamentos, Deus exorta o povo: “No futuro os seus filhos perguntarão: ‘Por que foi que o Senhor, nosso Deus, nos deu estes mandamentos e estas leis?’ Aí vocês responderão: ‘Nós éramos escravos do rei do Egito, mas o Senhor, com o seu grande poder, nos tirou de lá’.”²⁴ A resposta dada aos filhos não é um tratado teológico, com explicações profundas e palavras complicadas, mas é a narração dos

²⁰ GADAMER, 2002, p. 180.

²¹ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 396.

²² HERMANN, Nadja. *Hermenêutica e educação*: Rio de Janeiro: DP&A, 2002. (Coleção O que você precisa saber sobre). p. 71.

²³ Portanto, a fé vem por ouvir a mensagem, e a mensagem vem por meio da pregação a respeito de Cristo. (Conforme Bíblia na Linguagem de Hoje).

²⁴ Deuteronômio 6.20-21, conforme Bíblia na Linguagem de Hoje.

fatos que marcaram a relação de amor e de libertação de Deus com seu povo. Aqui se explicita “a dimensão narrativa como princípio educativo”, destacada por Remí Klein ao tratar do “papel da história no Antigo Testamento”.²⁵ Em outro texto, Klein aponta “a narração de histórias bíblicas como um princípio pedagógico, teológico e metodológico por excelência na Educação Cristã com crianças”.²⁶ Também para se pensar a teologia *das* e *com* crianças, a narração de histórias bíblicas tem uma função importante.

As considerações feitas até aqui sobre a questão da linguagem em Gadamer expressam o quanto “a construção do próprio mundo continua se dando sempre e simultaneamente na linguagem, sempre que queremos dizer-nos algo uns aos outros.”²⁷ A conversação, o fazer e responder perguntas, a abertura para ouvir o outro, as narrações das histórias da vida constituem o mundo no qual somos sujeitos e objetos, participantes ativos e passivos dessa rede de comunicação própria dos seres humanos.

Pessoas atiradas nas praças²⁸

Eu: por que eles estavam o dia todo sem fazer nada?

MI: Porque eles eram desempregados.²⁹

A reflexão com as crianças sobre essa parábola foi dividida em dois momentos. Primeiro realizei uma roda de conversa com a turma, após a leitura da parábola. Depois, conversei com grupos de três ou quatro crianças. Da roda de conversa com toda a turma destaco o que está relacionado ao título desse item: pessoas atiradas nas praças. Enquanto fazia o levantamento de quais personagens apareciam na parábola, depois de citar o administrador e os trabalhadores na vinha, um menino (MX)³⁰, que pouco se manifestava nos encontros e sempre parecia meio alheio a tudo, disse espontaneamente: “e as pessoas que ficaram atiradas na praça”.³¹ Essa expressão pode indicar duas percepções antagônicas em relação aos trabalhadores que não foram contratados de manhã: a primeira é que era

²⁵ KLEIN, Remí. A criança, a Bíblia e a história. *Protestantismo em Revista*. São Leopoldo, v. 25, mai-ago, 2011. p. 40-58. p. 41.

²⁶ KLEIN, Remí. A criança e a narração. *Protestantismo em Revista*. São Leopoldo, v. 24, jan-abr, 2011. p. 42-61. p. 43.

²⁷ GADAMER, 2002, p. 269.

²⁸ Referência à Parábola dos trabalhadores na vinha, conforme Mateus 20.1-15.

²⁹ Diário de campo, 2012, p. 36.

³⁰ As duas letras entre parêntesis indicam que a fala é de um menino (M de masculino). No caso da fala de uma menina, a primeira letra será um F de feminino. Essa observação vale para todas as citações do diário de bordo a seguir.

³¹ Diário de campo, 2012, p. 35.

opção deles ficar “atirados na praça”, como desocupados felizes e acomodados em sua posição; a segunda é que eles estavam abandonados na praça. A resposta de MI à minha pergunta, destacada na epígrafe acima, indica que a perspectiva era a de que não era opção daqueles trabalhadores estarem ali, sem fazer nada. Nesse sentido, os “atirados na praça” são os excluídos, os descartados, a mão de obra excedente, à margem do trabalho e, por isso, abandonados à sorte quanto ao seu sustento no dia seguinte.

Como afirmei acima, a roda de conversa teve um segundo momento nas entrevistas em pequenos grupos. O primeiro grupo, formado por duas meninas e um menino (FG, FM e MA), seguiu a linha de fazer perguntas que geraram novas reflexões. Destaco as perguntas de FM, uma menina de dez anos que não professa nenhuma denominação religiosa. Percebe-se, em suas perguntas, em primeiro lugar, um interesse pela veracidade das histórias. Logo no início da entrevista, sua pergunta foi: “FM: Por que, como é que eles sabem que isso aconteceu?” E logo em seguida: “FM: Mas pode ter algumas que não são verdade?”

Quando já estávamos conversando sobre a parábola em si, FM estava preocupada com o que se poderia comprar para viver um dia. “FM: Tá, e quanto mais ou menos eles conseguiam comprar? Tem gente que come muito, tem gente que come pouco (riu enquanto falou; FG, MA e eu também)”³² De minha parte, expliquei que certamente não dava para esbanjar, mas dava para comprar comida para as principais refeições para toda a família. O que chama a atenção é a sensibilidade e a preocupação de FM com os pequenos detalhes; ela quer entender toda a situação para depois emitir sua opinião. Mais adiante, ela pergunta sobre os trabalhadores e o trabalho que eles precisavam realizar. “FM: E quem eram os trabalhadores? [...] Qual era o tipo de serviço deles? Era pesado, leve ou mais ou menos?”³³ Pelo que consegui perceber, todas essas perguntas gravitavam em torno do final da história. FM estava tentando entender (ou aceitar) que era correto que todos os trabalhadores ganhassem a mesma quantia no final do dia.

Essa coragem de perguntar, de questionar o texto bíblico antes de simplesmente aceitar pacificamente o que está dado é uma contribuição importante das crianças para a reflexão teológica. E se levamos a sério todos esses questionamentos, eles revelam crianças muito atentas e sensíveis a tudo o que acontece ao seu redor. Elas não aceitam tudo

³² Diário de campo, 2012, p. 39.

³³ Diário de campo, 2012, p. 40.

cegamente; sua capacidade crítico-reflexiva é grande e pode nos surpreender ou, pelo menos, despertar para aspectos do texto nem sempre explicitamente destacados.

A conversa seguiu com a participação das outras colegas e do menino também. Quero, no entanto, destacar a conclusão de FM. Quando perguntei o que Jesus queria nos ensinar narrando essa parábola para os discípulos, FM resume, com maestria, sua teologia não confessional. “FM: Eu acho que ninguém deve... (silêncio com olhar pensativo) trabalhar por dinheiro, mas pelo que gosta? Não sei...”³⁴ Quando eu repeti sua afirmação, ela respondeu com um convicto “é”. A conclusão de FM está diretamente relacionada à resposta que Jesus está dando à pergunta dos discípulos, conforme Mateus 19.27: “Aí Pedro disse: Veja! Nós deixamos tudo e seguimos o senhor. O que é que nós vamos ganhar?” Com a parábola, Jesus lhe respondeu: Ninguém deve trabalhar pelo que vai ganhar (“por dinheiro”), mas por amor àquilo que está fazendo (“mas pelo que gosta”).

O segundo grupo que foi entrevistado consistia de três meninas (FB, FT e FZA). As ênfases da conversa foram outras e outros detalhes do texto foram ressaltados. Mas, novamente, chegamos a conclusões interessantes e importantes sobre o reino de Deus a partir da perspectiva teológica das crianças.

Destaco nessa conversa a identificação com um personagem da parábola. Já no encontro anterior, havia sugerido que cada qual se identificasse com um personagem da história. Ao refazer a pergunta durante a conversa, deu-se o diálogo que transcrevo a seguir.

Eu: Na semana passada eu pedi para vocês escolherem um personagem.

FZA: Sim, foram... é, a dona da plantação de uva.

[...]

Eu: E você tinha escolhido o quê, FT?

FT: Ah, também o dono da plantação de uva.

FB: Me diz os personagens que eu consigo escolher.

[...]

FB: A dona da plantação de uva.

Eu: Por que tu queria ser a dona da plantação de uva?

FT: Porque ela era justa....?

FB: É porque ela era justa (FT e FB falam ao mesmo tempo)

Eu: Porque ela era justa...

FT: Porque ela cumpriu o que ela falava, porque ela tinha palavra. [...] Ela tinha vontade de ajudar os necessitados.

[...]

FB: Porque ela sabia que eles precisavam mais do que ela ainda.

Eu: Será que a gente pode dizer que ela era bondosa também? Porque às cinco da tarde ela não precisava mais ter saído para buscar ninguém. Ela já tinha gente trabalhando. Mas ela estava preocupada com quem ainda não tinha emprego.

³⁴ Diário de campo, 2012, p. 40.

FZA: É porque ela sabia que (FT fala junto) que a pessoa precisava de um dinheiro pra viver um dia inteiro...

FB: E ela já tinha uma proposta (FB e FT falam juntas)

FT: E ela saiu na rua pra ver quem estava necessitando mesmo, pra convidar pra trabalhar na plantação, pra dar o sustento por um dia.³⁵

Resumidamente, poderíamos dizer que, na opinião das três meninas, a dona da plantação era justa e bondosa. A questão da justiça perpassou toda a conversa. Para as três meninas, como já ficou evidente acima, a questão da justiça está relacionada com o que a dona da plantação combinou com cada trabalhador e com o fato de ela ter cumprido “o que ela falava, porque ela tinha palavra”. O outro argumento que expressa o quanto a proprietária é justa está no fato de ela se preocupar com o sustento diário de cada trabalhador. Ela “sabia que a pessoa precisava de um dinheiro pra viver um dia inteiro”.

Aqui vale destacar a importância de fornecer informações básicas para que pessoas de qualquer idade cheguem às suas conclusões. A informação do valor de uma moeda de prata para uma pessoa foi lembrada e mencionada várias vezes por praticamente toda a turma. E essa informação serviu de base para as conclusões e as opiniões das crianças, o que fica evidente nesse grupo e também na entrevista anterior. Não estou falando de dar a *moral* da história após a narração; e sim em fornecer as ferramentas necessárias para que as crianças desenvolvam seu raciocínio e elaborem suas próprias reflexões a respeito do texto em estudo. É dessa forma que elas podem participar ativamente da reflexão teológica da comunidade.

Embora o adjetivo *bondoso* tenha sido sugestão minha, ele só veio à tona em função da fala das meninas. Entendo que não fui eu quem as induziu a pensar na proprietária como uma mulher bondosa; foram elas, com suas explicações e argumentos, que me conduziram a essa conclusão. Nunca havia pensado que poderia parecer um absurdo um proprietário que contrata diaristas sair às 17h para contratar mais trabalhadores. Essa é uma atitude de quem quer ajudar e não de quem quer contratar. Cheguei a essa conclusão depois de ouvir a argumentação das três em torno da estratégia e da preocupação da dona da plantação.

O terceiro grupo com quem conversei naquela tarde era formado por outras três meninas (FK, FR e FS). Destaco o último diálogo com as meninas, quando estávamos procurando a mensagem do texto. Ele aponta novamente para a construção conjunta,

³⁵ Diário de campo, 2012, p. 43-44.

possível quando aceitamos dar voltas com as crianças ao redor de um texto. Embora a fala final seja minha, ela é uma síntese da conversa com as meninas. Não são *explicações pré-fabricadas* que eu estou *transmitindo* para elas. É muito mais a conclusão de tudo o que refletimos em conjunto naqueles poucos minutos.

FS: Sim, aqui no 15 também diz “eu vou parar, eu vou, eu vou...”

FK: “Por acaso”

FS: Não “ou você está com inveja somente porque fui bom para ele?”

Eu: Ahhh, o que tu entende disso?

FS: Ahm, tipo, só porque ele foi bom pra ele, ele pode estar com inveja, essas coisas.

Eu: Então, na verdade, qual era a preocupação deles, dos que trabalharam desde de manhã? [...] Eles estavam preocupados não com a injustiça porque ele pagou o que eles tinham combinado. Mas com a bondade do dono da vinha e com quem recebeu, mesmo trabalhando menos, o que precisava para viver no outro dia tá.³⁶

Além do que já destaquei antes da citação, chamo atenção para a participação de FS nessa entrevista. Ela foi a própria trabalhadora das 17h. Ela havia faltado à aula anterior e, portanto, não conhecia a história; poucas vezes se manifestou na discussão daquele dia. Ela, a partir de uma indicação minha, já havia insistido com as colegas que a mensagem estava no versículo 15, mas as meninas não lhe deram atenção. Somente depois que eu já havia encerrado o diálogo com a fala “Tá, gente, eu preciso parar para chamar os próximos.”, FS resolveu se manifestar mais uma vez, lendo o final do versículo 15. E foi essa leitura que desencadeou a síntese que realizei no final. Minha intenção com essa colocação não é dar um destaque especial à FS, mas mostrar a importância da participação de todos no processo, bem como a sensibilidade necessária para percebermos essas nuances.

Considerações finais

As conversas em pequenos grupos revelam a riqueza e a variedade de detalhes, ênfases e questionamentos que suscitam uma conversa entre quatro pessoas. Nem tudo ficou respondido e resolvido, mas também este fato revela a fonte inesgotável de temáticas que um texto bíblico pode ser quando lido e discutido com gente que pensa.

Entendo que as falas das crianças compartilhadas acima não são simplesmente *provas* de que as crianças *apreenderam a lição* que nós, pessoas adultas e entendidas, *transmitimos* para elas. As manifestações das crianças podem ser entendidas como expressões teológicas profundas que extrapolam a compreensão que cada pessoa tem sobre

³⁶ Diário de campo, 2012, p. 46-47.

os testemunhos bíblicos, sejam eles parábolas ou quaisquer outros relatos. Não são sentenças limitadas pelo nível de compreensão e abstração da criança, ensaios de quem, um dia, será adulto e entenderá o que está dizendo. São reflexões autênticas e reveladoras ou formuladoras de novas facetas da riqueza infinita que é cada perícopo da Bíblia.

Um detalhe que chama a atenção nos relatos de modo geral é a necessidade de fazer perguntas. Penso ser esse um ponto importante que merece nossa reflexão: até que ponto damos oportunidades para que as crianças façam as suas perguntas? Não estamos nós adultos sempre cheios de explicações pré-elaboradas para, logo em seguida, enchê-las de perguntas e, dessa forma, ver se elas compreenderam o que nós achamos que elas deveriam entender? A roda de conversa, tanto no grande grupo, quanto nas entrevistas, evidenciou uma curiosidade sobre detalhes, muitas vezes, surpreendentes. E as respostas que eu tentei elaborar para responder a essas perguntas também me auxiliaram a compreender melhor a mensagem da parábola.

Volto a Gadamer, que durante sua reflexão sobre compreensão, fé e jogo, fala da possibilidade de diálogo entre o texto e quem o lê. Quando o texto *começa a falar*, ele “não se limita a dizer sua palavra, sempre a mesma, numa rigidez inerte, mas dá novas respostas a quem lhe faz perguntas, apresentando sempre novas perguntas a quem lhe propõe respostas”³⁷. Foi isso que experimentei nas conversas com as crianças em torno da parábola dos trabalhadores. E tal experiência foi possível porque nos aventuramos (mais as crianças do que eu) a fazer perguntas ao texto, ouvir suas respostas e também suas perguntas. “Compreender textos significa manter com eles uma espécie de diálogo.”³⁸ Complemento a sentença de Gadamer sugerindo que o diálogo é ainda mais rico quando é uma conversa entre duas ou mais pessoas com o texto, desde que todas participem com abertura e posições iguais.

As considerações sobre a hermenêutica filosófica de Gadamer destacadas até aqui apontam para a pertinência dos seus princípios hermenêuticos na construção de uma teologia *das e com* crianças. Reconhecer-nos como seres limitados, mesmo já tendo vivido algumas décadas a mais que as crianças, e ter uma postura aberta para experimentarmos uma *fusão de horizontes*³⁹ com elas – também quando se trata de assuntos relacionados à fé

³⁷ GADAMER, 2002, p. 157.

³⁸ GADAMER, 2002, p. 157.

³⁹ GADAMER, 2002, p. 132.

– é essencial para uma teologia que pretende incluir e valorizar a reflexão das crianças. E isso implica também a capacidade de reconhecer que nosso horizonte pode ser ampliado numa conversa teológica com as crianças. O que Marcos Alexandre Alves, baseado em Gadamer, coloca como desafio no campo da filosofia pode valer também para a teologia. “Filosofar consiste em assumir o desafio de pôr em jogo o horizonte que cada um carrega consigo para que ocorra uma autêntica fusão de horizonte.”⁴⁰ Poderíamos dizer o mesmo do ato de fazer teologia. O desafio é ainda maior quando o horizonte a participar dessa fusão é o de uma criança. E mais do que assumir que há, em cada criança, um horizonte em construção, cabe reconhecer que, assim como o horizonte delas, também o nosso está em constante transformação. Esse foi o meu grande desafio na pesquisa de campo. Há que ter um cuidado constante para ouvir com atenção e com a necessária abertura o que é expresso pelas crianças nas conversas entre elas mesmas e delas com pessoas adultas.

Entendo que experienciei momentos de conversa aberta e honesta durante minha pesquisa de campo. De maneiras diferentes, às vezes até sem perceber, fui interpelado por elas em relação ao que eu imaginava saber ou conhecer. E ao ser questionado pelas crianças, passei a exercitar outras possibilidades de interpretação dos textos, chegando a conclusões diferentes sobre os mesmos. Essa constatação vai ao encontro do que Gadamer entende por compreensão, quando afirma que ela “começa onde algo nos interpela. Esta é a condição hermenêutica suprema. Sabemos agora o que isso exige: suspender por completo os próprios preconceitos.”⁴¹ Essa completa suspensão dos preconceitos é o grande desafio no encontro com as crianças. Quando conseguimos realizar esse exercício, chegamos a reflexões e conclusões que vão ampliando nosso horizonte e, certamente, também o horizonte das crianças envolvidas na conversa. Nesse sentido, a fusão de horizontes é também uma ampliação dos mesmos. Ao dar voltas com alguém através das palavras, todos vão além de onde estão, desenvolvendo sua reflexão e seu fazer teológico.

Referências

BÍBLIA Sagrada Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005. 1312 p.

⁴⁰ ALVES, Marcos Alexandre. O modelo estrutural do jogo hermenêutico como fundamento filosófico da educação. *Ciência educ.*, Bauru, v. 17, n. 01, abr. 2011. p. 242.

⁴¹ GADAMER, 2003, p. 395-396.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 631 p.

_____. *Verdade e método II: Complementos e índice*. Petrópolis: Vozes, 2002. 621 p.

GRONDIN, Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica*: Trd. Benno Dischinger. São Leopoldo: UNISINOS, 2009. 336 p.

HERMANN, Nadja. *Hermenêutica e educação*: Rio de Janeiro: DP&A, 2002. (Coleção O que você precisa saber sobre) 110 p.

MATURANA, Humberto. (MAGRO, C.; GRACIANO, M; VAZ, N. Orgs.) *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: UFMG, 1999. p. 167.

Capítulos de livros:

SINNER, Rudolf von. Hermenêutica em perspectiva teológica. In: *Teologia e Ciências da religião: a caminho da maioria acadêmica no Brasil*. CRUZ, Eduardo R. da; MORI, Geraldo de. (orgs). São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2011.

Artigos em periódicos eletrônicos:

ALVES, Marcos Alexandre. O modelo estrutural do jogo hermenêutico como fundamento filosófico da educação. *Ciência educ.*, Bauru, v. 17, n. 01, abr. 2011. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132011000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20/05/2013.

GADAMER, Hans Gerog. La educación es educarse. *Revista de Santander*. Edicion n. 6. 2011. p. 98. Disponível em <http://www.uis.edu.co/webUIS/es/mediosComunicacion/revistaSantander/revista6/nuevasCorrientesIntelectuales.pdf>. Acesso em 20/05/2013.

KLEIN, Remí. A criança e a narração. *Protestantismo em Revista*. São Leopoldo, v. 24, jan-abr, 2011a. p. 42-61. Disponível em <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/137/169>. Acesso em 20/05/2013.

_____. A criança, a Bíblia e a história. *Protestantismo em Revista*. São Leopoldo, v. 24, jan-abr, 2011b. p. 40-58. Disponível em <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/159/193>. Acesso em 20/05/2013.

Outras mídias:

PAULA, Benito di; BRANDÃO, Márcio. Amigo do sol amigo da lua. Intérprete: Benito di Paula. In: Benito di Paula Perfil. Direção artística: Aramis Barros. Rio de Janeiro: Som Livre. 1 disco sonoro. Faixa 9 (3 min 43 s).